
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Cinthia Andressa Araújo Fioravanti

**Dança e Multiculturalismo: possibilidades e
dificuldades na Educação Física escolar**



Rio Claro
2008

Cinthia Andressa Araújo Fioravanti

Dança e Multiculturalismo: possibilidades e dificuldades
na Educação Física escolar.

ORIENTADORA: SURAYA CRISTINA DARIDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Licenciado em Educação Física.

Rio Claro
2008

793.3 Fioravanti, Cinthia Andressa Araújo
F517d Dança e multiculturalismo: possibilidades e dificuldades na
 educação física escolar / Cinthia Andressa Araújo Fioravanti.
 - Rio Claro: [s.n.], 2008
 48 f.

 Trabalho de conclusão (licenciatura – Educação Física) –
 Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
 Rio Claro
 Orientador: Suraya Cristina Darido

 1. Dança. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho aos meus pais, Carlos e Dulcinéa, que tanto me incentivaram e por serem as pessoas fundamentais na minha vida. Muito obrigada por me ajudarem nessa vitória e fazerem parte dela.

AGRADECIMENTOS

Começo os meus agradecimentos ao grandioso Pai Oxalá e a todos os orixás que sempre iluminaram o meu caminho e a minha cabeça durante essa jornada. Em seguida, agradeço as duas pessoas mais importantes nesse processo, as quais dedico não só este trabalho, como também todo o meu sucesso. Muito obrigada Papai Carlão e Mamãe Dulce por tanta dedicação, paciência, amor e por terem batalhado essa vitória junto comigo. Amo muito vocês!

É impossível não lembrar do meu querido irmão Brunão e da linda Poly. Vocês também me ajudaram bastante e também merecem destaque nessa conquista. Valeu por tudo e, principalmente, pelo companheirismo nos momentos que mais precisei!

Agradeço todos os meus familiares que participaram direta e indiretamente desses 4 anos da minha vida em Rio Claro. Em especial a minha Vó Margarida, Vó Corina, Vô Orlando, Tia Ângela, Tia Cris, Tia Márcia, Tio Paulinho e Tio Marcão. Cada um me ajudou da maneira que lhe foi possível e ninguém nunca deixou de me apoiar.

Além disso, sou muito grata às minhas velhas amigas e companheiras Nathalia e Mariana por estarem sempre dispostas a me auxiliar. E não posso deixar de mencionar meu grande amigo José Rodrigo que foi tantas vezes o meu conselheiro, a minha calma e o meu “Porto Seguro”. Você sempre esteve presente nos meus momentos de tristeza e de alegria com um belo sorriso, um brilho no olhar, um abraço apertado e um beijo carinhoso. Te adoro demais! Muito obrigada por você, sua mãe e seus irmãos terem me ajudado imensamente.

Esses foram os meus agradecimentos às pessoas da minha Cidade Natal (Itu). Na cidade onde vivi a tão esperada vida universitária também conheci muitas pessoas que merecem os meus agradecimentos.

Logo que cheguei em Rio Claro conheci as minhas queridas veteranas Fernanda e Luciana que me acolheram na casa delas e assim formamos a minha primeira república. A convivência com elas durante o primeiro ano e com a Luciana durante os dois anos seguintes foi fundamental para o meu amadurecimento. Vocês me ensinaram muitas coisas importantes e necessárias. Sempre serei grata pelos ensinamentos e pela amizade. Estou com muitas saudades!

Agradeço minha orientadora Suraya pela paciência, pelas idéias, pelas boas aulas e por ter sido a responsável do meu comprometimento com a profissão. Além disso, outros professores também desempenharam um papel muito importante na minha formação, são eles: Sara, Tati, Cátia e Samuel. Muito obrigada a todos pelos conhecimentos que adquiri!

Por conseguinte, deixo um agradecimento especial a todas as minhas amigas e amigos que viveram esse sonho do meu lado e compartilharam comigo a experiência da “liberdade”. É claro que terei de destacar minha amicíssima Jessica e o trio tititi formado por mim, Jessica e Karina, foram tantas conversas, risadas, zoeiras e confissões que já sinto saudade de tudo isso. Outras pessoas também me marcaram bastante durante a faculdade e merecem ser citadas: Nati Araras, Natyzinha, Maria Elisa, Baston, Rúbia, Amanda (Bixe), Alfinete, Gulosa, Dengue e Matraca. Valeu por todos os momentos inesquecíveis que passei com vocês! Valeu BLEF 05 pelos quatro anos de amizade e união, como expressa nossa música tema “Always Together”.

E por último, deixo minha gratidão pela escola e pelos alunos que participaram dessa pesquisa, pois sem objeto de estudo esse trabalho não teria se concretizado.

Assim, o meu objetivo foi alcançado e estou muito feliz por ter vivido essa experiência incomparável e gratificante. Novamente muito obrigada a todos que me incentivaram, que permaneceram ao meu lado e que participaram dessa vitória. Sentirei muita saudade dessa vida universitária!

RESUMO

A dança, como um dos elementos da Cultural Corporal de Movimento, faz parte dos conteúdos a serem abordados nas aulas de Educação Física escolar. No entanto, isso não ocorre frequentemente. O ensino da dança fica restrito apenas a dias de comemorações e em festas juninas que, geralmente, são organizados pelos professores dessa disciplina. Diante disso, esse estudo teve como objetivo elaborar, implementar e avaliar um programa de dança na perspectiva multicultural, que contribua com a formação do cidadão na escola. Mais especificamente, aplicar um programa de dança na escola e avaliar as suas possibilidades e dificuldades. A metodologia utilizada baseou-se no referencial da pesquisa do tipo etnográfico. Para a realização desse estudo foi elaborado um projeto de dança sob uma visão multicultural. Esse programa, a princípio, atenderia uma turma mista de Educação Física de, aproximadamente, 35 alunos do Ensino Fundamental ciclo II de uma escola pública da cidade de Rio Claro – SP. Porém, o professor de Educação Física responsável pela sala participante do projeto não disponibilizou os meninos, porque segundo ele, as meninas dançariam e os meninos ficariam na quadra jogando futebol. Assim, as aulas foram ministradas pela aluna-pesquisadora às meninas da sala que totalizaram, em torno de 20 garotas. O estudo teve duração de, aproximadamente, dois meses e meio. As alunas tiveram contato com diversos estilos de dança, tais como: danças circulares sagradas, danças de salão, jazz, dança de rua, entre outros. Na investigação foi utilizado um diário de campo para a análise descritiva de comportamentos e atitudes a partir da observação das relações interpessoais das alunas. Foi realizada também uma avaliação inicial, uma avaliação final e uma entrevista com 5 alunas. As relações de gênero existentes nessa escola demonstraram se basear numa cultura sexista e em valores preconceituosos, discriminatórios e estereotipados. A indisciplina e o desinteresse das alunas era muito grande, não faziam silêncio e por isso não era possível explicitar todo o conteúdo e desenvolver debates. Além disso, a equipe de apoio não colaborou em vários aspectos. Com relação ao item dança e multiculturalismo foi possível perceber que as meninas gostam apenas de ritmos conhecidos previamente, como funk e axé, os quais possuem modelos prontos de coreografias. Tais resultados apontaram para dificuldades de implementação de novas propostas sobretudo, quando não contam com o apoio da escola e do professor responsável. Sendo assim, sugere-se novos estudos realizados e elaborados de formas diferentes que abordem esse tema para que possamos identificar as melhores estratégias e metodologias de tratar os elementos dança e multiculturalismo na escola.

Palavras - chave: Dança; Multiculturalismo; Educação Física escolar.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	7
2. OBJETIVO.....	9
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3.1. Educação Física escolar e Multiculturalismo.....	10
3.2. Dança e Multiculturalismo.....	13
4. METODOLOGIA.....	17
4.1. A utilização do estudo etnográfico.....	17
4.2. Realização do estudo.....	18
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
5.1. Menino dança?E menina joga futebol?.....	21
5.2. Indisciplina, desinteresse, expectativas de alunos e apoio escolar.....	24
5.3. Dança e Multiculturalismo.....	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
7. REFERÊNCIAS.....	37
8. ANEXOS.....	40
8.1. Anexo A – Parecer do Comitê de Ética.....	40
8.2. Anexo B – Conteúdo e Observação das aulas.....	41
8.3. Anexo C – Entrevistas das alunas.....	45

1. INTRODUÇÃO

A dança, como um dos elementos da Cultural Corporal de Movimento, faz parte dos conteúdos a serem abordados nas aulas de Educação Física escolar. No entanto, isso não ocorre frequentemente. O ensino da dança fica restrito apenas a dias de comemorações e em festas juninas que, geralmente, são organizados pelos professores dessa disciplina.

Qual a dificuldade dos professores de Educação Física em inserir a dança como conteúdo de suas aulas? Quais os benefícios da dança para os alunos? Como eles podem se beneficiar da dança numa perspectiva multicultural?

Por causa da negligência dos professores e também pela ligação anterior que tenho com essa prática corporal resolvi realizar esse estudo para que de alguma maneira possa contribuir com elementos que abarquem essa problemática vigente na Educação Física escolar brasileira.

Desde a minha infância sempre tive, de uma forma ou de outra, contato com dança, porém esse contato nunca esteve ligado à escola. Nas minhas aulas de Educação Física, onde poderia ter vivenciado a dança, o único conteúdo presente era o esporte. E esse, por sua vez, repassado pelo professor sem o maior comprometimento e responsabilidade da profissão. O estilo utilizado pelo professor era o famoso “rola-bola” que, atualmente, parece ser o mais usado pelos profissionais da área.

Por ter pouca habilidade em esportes, sempre me afastei das aulas de Educação Física e, às vezes, jogava por obrigação e não por prazer. As aulas eram assim excludentes. O professor trazia poucas atividades novas, as aulas eram sempre iguais, o que aumentava ainda mais o meu desinteresse.

Se o conteúdo da aula fosse àquele destinado à Educação Física, ou seja, se a aula englobasse todos os componentes da Cultura Corporal de Movimentos (danças, lutas, esportes, ginásticas, conhecimento sobre o corpo e jogos) ou até mesmo se fosse somente esportes, porém ensinado de outro jeito contendo apresentação do histórico do esporte, regras, ética no esporte, entre outros assuntos

importantes para a formação do cidadão da escola, talvez despertaria em mim, o prazer de estar e realizar as aulas de Educação Física.

A dança é raramente utilizada nas aulas de Educação Física e quando trabalhada destina-se a dias festivos, como as festas juninas que possuem um modelo pronto de coreografia e os alunos apenas reproduzem-na. Esse é outro problema ligado à dança na escola que, quando tratada, muitas vezes, são estabelecidas coreografias prontas para o aluno copiar os movimentos, não permitindo que este crie seu próprio movimento ou até mesmo sua própria coreografia. Com modelos prontos, o aluno não expressa suas mais íntimas emoções e sentimentos que a dança proporciona. A mídia é um meio de comunicação bastante influenciável nesse sentido através da exposição de coreografias prontas de danças, como por exemplo, o axé. (DARIDO & RANGEL, 2005)

No sentido de abranger e contribuir com elementos que discorram sobre essa problemática da dança nas aulas de Educação Física, o presente estudo tem como objetivo elaborar, implementar e avaliar um programa de dança na perspectiva multicultural. Para fundamentar o trabalho, primeiramente será discutida a interface entre Educação Física escolar e multiculturalismo e num segundo momento a Dança e o multiculturalismo.

2. OBJETIVO

Esse estudo teve como objetivo elaborar, implementar e avaliar um programa de dança na perspectiva multicultural, que contribua com a formação do cidadão na escola. Mais especificamente, aplicar um programa de dança na escola e avaliar as suas possibilidades e dificuldades.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Educação Física escolar e Multiculturalismo

A década de 80 é um marco na Educação Física escolar devido ao surgimento de novos movimentos em oposição à vertente tecnicista, esportivista e biológica da Educação Física. Esses novos movimentos foram “inspirados no novo momento histórico social por que passaram o País, a Educação e a Educação Física”.(DARIDO & RANGEL, 2005, p. 5)

Esses movimentos também denominados de abordagens pedagógicas da Educação Física escolar são vários, todos eles têm em comum a tentativa de romper com o modelo tradicional, esportivista e mecanicista. São eles: “Humanista, Fenomenológica, Psicomotricidade, baseada nos Jogos Cooperativos, Cultural, Desenvolvimentista, Interacionista - Construtivista, Crítico - Superadora, Sistêmica, Crítico - Emancipatória, Saúde Renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/Brasil, 1998), além de outros.” (DARIDO & RANGEL, 2005, p. 6)

Difícilmente é adotada uma única tendência na prática, ou seja, na prática pedagógica coexistem diversos conceitos e diversas atividades de diferentes abordagens.

Os objetivos da Educação Física na escola, segundo Darido & Rangel (2005, cap. 3), são:

- Igualdade de oportunidade: é um direito do cidadão e dever do Estado o acesso à educação. Dessa forma, sendo a Educação Física parte integrante do currículo escolar, todos os alunos têm direito de participar de uma aula de Educação Física. E também, dentro dela, serem tratados com igualdade, sem discriminação dos “gordinhos”, menos aptos, “baixinhos”, entre outros.

- A busca pela autonomia: após o período de escolaridade, o qual se completa em, aproximadamente, 11/12 anos, os alunos deveriam posicionar-se criticamente em relação à muitos assuntos impostos pela mídia, negar atitudes de violência no esporte ou em qualquer outra manifestação social, apreciar um bom espetáculo de dança, teatro ou esporte, além de muitos outros.

- Reflexão crítica: possibilitar as condições para que os alunos tenham uma formação crítica e autônoma. Para isso, é necessário que fiquem cada vez mais independentes do professor.

- Saúde: construir novos parâmetros para interpretar e agir com relação à saúde, ou seja, construir o maior número de relações que viabilizem a ampliação do entendimento dos seus alunos acerca desse assunto.

- Lazer: educar para o Lazer, isto é, para a compreensão do termo e para a relação atitudinal diante do Lazer.

A obra Coletivo de Autores (1992) se propõe a tratar dos grandes problemas sociais nas aulas de Educação Física. Segundo os autores dessa obra:

A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 63)

Tratar dos grandes problemas sócio-políticos atuais não significa um ato de doutrinação. Nesse trabalho, os autores defendem para a escola uma proposta clara de conteúdos do ponto de vista da classe trabalhadora, conteúdo este que viabilize a leitura da realidade estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs/Brasil, 1998), os grandes problemas sociais também são abordados, porém com o título de temas transversais. Segundo Darido & Rangel (2005), os temas transversais são grandes problemas da sociedade brasileira que o governo e a sociedade têm dificuldade na condução de soluções e que, por isso, encaminham para a escola a tarefa de tratar desses aspectos.

O documento aponta os temas transversais como “temas de urgência para o país como um todo”. São eles: Ética, Saúde, Pluralidade Cultural, Trabalho e Consumo, Meio Ambiente e Orientação Sexual.

O tema Pluralidade Cultural também chamado de Multiculturalismo é o tema que será explorado nesse trabalho. Os PCNs (BRASIL, 1998) apresentam a seguinte relação para a Educação Física:

[...] a Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais. Permite também que se perceba como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. Particularmente no Brasil, as danças, os esportes, as lutas, os jogos e as ginásticas, das mais variadas origens étnicas, sociais e regionais, compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado. O acesso a esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e não discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais (religiosos, econômicos e de diferentes origens regionais) e das pessoas que deles fazem parte. (BRASIL, 1998, págs. 38 e 39)

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), no âmbito escolar, a Educação Física pode usufruir desse tema oportunizando trabalhos de pesquisas e cultivo de brincadeiras, jogos, lutas e danças produzidos na cultura popular, que por diversas razões correm o risco de ser esquecidos ou marginalizados pela sociedade. Pesquisar informações sobre essas práticas na comunidade e incorporá-las ao cotidiano escolar, criando espaços de exercício, registro, divulgação e desenvolvimento dessas manifestações, possibilita ampliar o espectro de conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento. Dessa forma, a construção de brinquedos, a prática de brincadeiras de rua dentro da escola, a inclusão de danças populares de forma sistemática – e não apenas eventual – nas festas e comemorações contribuem para a construção de efetivas opções de exercício de lazer cultural e para o diálogo entre a produção cultural da comunidade e da escola.

Portanto, esse tema pode ser muito explorado na Educação Física escolar por meio de vivências das diferentes “manifestações da cultura corporal” e para que os alunos não desenvolvam preconceitos ou qualquer forma de discriminação é preciso que o professor de Educação Física, assim como os demais componentes curriculares, estejam preparados para repudiar a prática de atividades e atitudes discriminatórias e excludentes, no momento da sua ocorrência através do diálogo.

3.2. Dança e Multiculturalismo

A dança é considerada uma das formas mais antigas de manifestação da expressão corporal e em todas as épocas e representações, traduz a manifestação de um povo, seu “estado de espírito”, sua emoção, expressão e comunicação do ser e de suas características culturais. O ritmo é seu elemento fundamental.

Essa prática corporal existe desde as civilizações mais primitivas e sua evolução obedeceu a padrões sociais e econômicos ou à necessidade do homem de expressar seus sentimentos, desejos, interesses, sonhos ou realidade através dos diversos tipos de dança. (NANNI, 1995)

Segundo Mendes (1987, p.75), a dança “é parte da natureza do homem, tão velha quanto ele, talvez expressão primeira do seu obscuro impulso para diferenciar-se dos outros animais”.

A relação entre dança e multiculturalismo pode ser aplicada nas aulas de Educação Física através da vivência das diferentes danças típicas, dos diversos grupos étnico-culturais que compõem o Brasil e o mundo, demonstrando a riqueza e a diversidade de expressões existentes (DARIDO & RANGEL, 2005).

Num país como o Brasil onde existe uma riqueza muito grande de manifestações rítmicas e/ou expressivas, como por exemplo, o samba, bumba-meu-boi, maracatu, frevo, afoxé, catira, xote, baião, danças urbanas (funk, hip hop, break, danças de salão), danças trazidas pelos africanos, danças trazidas pelos imigrantes europeus, é surpreendente o fato dos professores de Educação Física não aproveitarem dessa diversidade cultural e não abordarem o elemento “dança” em suas aulas.

Para tratar do tema pluralidade cultural ou multiculturalismo, é preciso que sua definição seja esclarecida. Uma das várias definições existentes quanto à esse assunto é:

Pluralidade cultural é a existência de várias culturas. Pode ser a pluralidade de religião (católicos, protestantes, islâmicos, entre outros), de nacionalidade (japoneses, italianos, brasileiros, entre outros) ou de cor (brancos, negros, mulatos, amarelos, vermelhos). É a pluralidade cultural que faz do mundo um lugar rico. Um mundo rico em cultura. Mas o que é a cultura? São as tradições, os costumes, os valores, as crenças, a educação, enfim, tudo o que é criado pelo homem. E não é preciso ir longe para perceber esta pluralidade. A

pluralidade cultural é muito presente em nosso dia-a-dia, inevitável e cheia de graça. É a pluralidade que torna cada ser único e diferente.¹

Nesse sentido, multiculturalismo é a ocorrência de várias culturas que torna cada pessoa um ser único e diferente.

Para Sacristán (1997), o conceito de multiculturalismo vai muito além disso, o autor considera que o termo na educação implica em diversos objetivos, com fundamentos ideológicos, cujas fronteiras não são sempre claras e evidentes. Segundo ele, a educação multicultural pode ser instrumento de uma cultura dominante para assimilar outra minoritária em desiguais condições, com mais baixas oportunidades no sistema social e educativo. Pode ser usada como instrumento para reduzir prejuízos de uma sociedade em relação às minorias étnicas, pode também ser apresentada como programas diferenciados para que vários setores culturais de uma sociedade encontrem ambientes educativos apropriados a cada um e por fim, cabe compreendê-la como uma visão não etnocêntrica da cultura que acolha o pluralismo cultural em qualquer faceta.

Forquin (1993) acredita que o termo multiculturalismo possui ao mesmo tempo dois sentidos, um descritivo e outro normativo. Um significa a situação objetiva de um país no qual coexistem grupos de origem étnica ou geográfica diversa, falando línguas diferentes, podendo não compartilhar as mesmas adesões ideológicas nem os mesmos valores ou modos de vida. E o outro, o autor considera que quando esse termo se aplica ao ensino, este tem um significado diferente. Assim, o ensino pode se dirigir a um público culturalmente diverso, sem ser ele mesmo um ensino multicultural.

Jeffcoate (1984), citado por Forquin (1993), também acredita na dualidade do multiculturalismo. O autor destaca, por um lado, o multiculturalismo como objeto de estudo ou domínio de intervenção e, por outro lado, como conjunto de dispositivos políticos ou pedagógicos. O objetivo do conjunto de dispositivos políticos e pedagógicos é tanto melhorar a situação escolar das crianças das minorias étnicas quanto preparar todos os alunos, independentemente da composição étnica das escolas e dos bairros, com a meta de viver em uma sociedade multiétnica.

¹ Ver melhor sobre o assunto em:

<http://pessoal.educacional.com.br/up/580001/508188/O%20Que%20%E9%20Pluralidade%20Cultural.htm>

Essa última consideração afirma que o ensino deve se dirigir a todos e não só aos alunos que pertencem às minorias étnicas ou aos habitantes de bairros de população heterogênea.

No livro “Educação e diversidade: um projeto pedagógico na escola” (CHALUH, 2006), a autora cita um projeto pedagógico de Israel que leva em conta a diversidade cultural e a heterogeneidade dos indivíduos que é muito respeitoso quanto ao multiculturalismo e merece ser mencionado.

Esse projeto foi desenvolvido em Israel na década de 1970, com o nome de Hora’a Mutemet (hebraico) que significa Ensino Adaptado e foi implementado em nove escolas da rede escolar judaica de Buenos Aires, a partir do ano 1997, cujo título foi modificado para “Ensino para a Diversidade”. Nesses dois locais, o projeto foi implantado devido a uma preocupação com a diversidade cultural dos imigrantes e à heterogeneidade dos indivíduos.

Um fragmento do documento “Ensino Adaptado na Classe Heterogênea”, elaborado pelo Centro de Tecnologia Educativa, reflete a motivação que levou Israel a desenvolver o Ensino Adaptado.

As ondas de novos imigrantes do início da década de noventa trouxe às escolas muitos novos alunos. Estas crianças são um lembrete da heterogeneidade do sistema educacional e fortalecem a necessidade de dar uma resposta às diferenças dos alunos, respeitando seu direito de serem diferentes (BRICKNER et al., 1997, p. 26).

Assim, o Ensino Adaptado foi criado para suprir à necessidade de cada aluno e oferecer a cada estudante a possibilidade de aproveitar plenamente suas capacidades de aprendizagem, tanto no aspecto acadêmico como no social e pessoal. De acordo com isso, seus objetivos são promover uma aprendizagem significativa e bem sucedida de todos os alunos, fomentar a autonomia do indivíduo como estudante e incentivar sua capacidade de trabalho em equipe, de auxiliar os amigos e respeitar o próximo (BRICKNER & RON, 1996).

Os valores que norteiam esse projeto pedagógico são: igualdade e excelência. O significado de igualdade é o reconhecimento do direito dos homens serem diferentes, e excelência significa desenvolver ao máximo as potencialidades de cada um (BRICKNER & RON, 1996).

Dessa maneira, o interesse em apresentar o Ensino Adaptado de Israel está na crença que o sistema de ensino brasileiro deve sofrer mudanças para aproximar o

aluno e despertar nele o interesse em aprender. De acordo com Sacristán (1997), os modos de funcionamento da escolarização atual tendem à homogeneização e à normalização, já que a escola não consegue acolher e dar expressão às “singularidades”. E que a população não consegue se acomodar aos modos em que o conhecimento é transmitido e também não consegue se adaptar às condutas que deles se espera.

Sendo assim, o propósito da relação dança e multiculturalismo desse estudo é de contribuir com o desenvolvimento do respeito e da valorização dos diferentes tipos de dança e atingir todos os alunos de diversas formas, ou seja, cada aluno entenderá a diversidade cultural de uma maneira e essas diferenças individuais também devem ser levadas em consideração. Além disso, rejeitar qualquer forma de discriminação existente em relação a esse assunto, como por exemplo, o homem que dança é visto como homossexual, as meninas têm mais facilidade de aprender a dançar, pessoa idosa já passou do tempo de começar a dançar e outras formas que venham a ser motivo de exclusão durante um projeto de dança.

4. METODOLOGIA

4.1. A utilização do estudo etnográfico

A metodologia utilizada nesse estudo baseou-se no referencial da pesquisa do tipo etnográfico. Segundo Geertz (1989), o estudo etnográfico consiste em estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear áreas, manter um diário, e assim por diante.

Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p. 20)

André (1995) descreve estudo etnográfico como aquele que utiliza das técnicas características da etnografia, que são:

- 1) Observação Participante: o pesquisador influencia e é influenciado pela realidade da pesquisa.
- 2) Entrevista Intensiva: esclarece e aprofunda os problemas observados.
- 3) Documentos: contextualizam, clarificam e complementam as informações sobre o fenômeno através de outras fontes.

De acordo com essa mesma autora, existe o princípio da interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, denominando ao pesquisador a qualidade de principal instrumento na coleta e na análise dos dados. Os dados são mediados pelo pesquisador permitindo que ele responda ativamente às situações decorrentes, modificando técnicas de coleta, se necessário, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenvolvimento do trabalho. Isso se caracteriza como um plano de trabalho aberto e flexível, pois os dados vão sendo constantemente revistos. O estudo etnográfico busca a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade e não sua testagem.

André (1995) aponta como características importantes desse tipo de pesquisa: a ênfase no processo em detrimento dos resultados finais; a visão pessoal dos participantes; a necessidade do desenvolvimento de um trabalho de campo (o pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado); a descrição e indução.

Geertz (1989) acrescenta ainda que a descrição dos dados observados não deve ser de maneira casual, é necessário considerar os contextos em sua profundidade e por isso deve ser feita uma descrição “densa” para que essa realidade seja compreendida.

4.2. Realização do estudo

Para a ocorrência desse estudo foi elaborado um projeto de dança sob uma visão multicultural. Esse programa, a princípio, atenderia uma turma mista de Educação Física de, aproximadamente, 35 alunos do Ensino Fundamental ciclo II de uma escola pública da cidade de Rio Claro – SP, pois após uma conversa com a direção da escola, a realização do estudo ocorreu simultaneamente com o Estágio de Regência da aluna-pesquisadora. Porém, o professor de Educação Física responsável pela sala participante do projeto não disponibilizou os meninos, porque segundo ele, as meninas dançariam e os meninos ficariam na quadra jogando futebol.

Então, as aulas foram ministradas pela aluna-pesquisadora às meninas da classe que totalizaram, em torno de 20 garotas. O estudo teve duração de, aproximadamente, dois meses e meio. As alunas tiveram contato com diversos estilos de dança, tais como: danças circulares sagradas, danças de salão, jazz, dança de rua, entre outros.

O espaço físico disponível para a realização do programa de dança na escola incluiu o pátio coberto, onde somente as primeiras aulas foram desenvolvidas, porque o som do rádio atrapalhava as outras aulas e teve um dia chuvoso, o restante das aulas foi desenvolvido em uma área cimentada ao lado da quadra poliesportiva e da quadra de vôlei de areia, que no croqui da escola está determinada como pátio descoberto. Os equipamentos/materiais necessários para cada aula era um rádio fornecido pela instituição e CDs levados pela aluna-pesquisadora.

A aplicação desse programa teve por finalidade intervir na formação do cidadão, além de contribuir com elementos que abarquem a dificuldade enfrentada pelos professores de Educação Física em adotar a dança em suas aulas.

Nas aulas foram adotadas as dimensões dos conteúdos que são: dimensão conceitual, dimensão procedimental e dimensão atitudinal.

A definição das três dimensões baseia-se em Coll (2000) e corresponde às seguintes questões: “o que se deve saber?” (dimensão conceitual), “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental) e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal). Um exemplo da prática pedagógica para melhor explicitar cada dimensão é:

- Dimensão Conceitual: conhecer as transformações por que passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em função das novas tecnologias) e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física.
- Dimensão Procedimental: vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados à dança, como as danças de salão, regionais e outras.
- Dimensão Atitudinal: respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não-violência.

É importante frisar que nas aulas não houve divisão de tempo para cada dimensão, por exemplo, durante 15 minutos trabalhou-se a dimensão conceitual, 20 minutos a dimensão procedimental e 15 minutos a dimensão atitudinal. Não há como dividir uma parte da aula em dimensão conceitual, outra em procedimental e outra em atitudinal, embora possa haver uma ênfase de alguma dimensão em determinadas atividades.

Na investigação foi utilizado um diário de campo para a análise descritiva de comportamentos e atitudes a partir da observação das relações interpessoais das alunas. Devido à minha condição de regente, não foi possível fazer as anotações durante o andamento das aulas e por isso logo após o término das mesmas, escrevia no diário tudo aquilo que observei de mais importante. Foi realizada também uma avaliação inicial composta de um questionário aplicado no primeiro dia do programa, uma avaliação final e uma entrevista com 5 alunas. A entrevista foi feita por outra pessoa, com o intuito de deixar a entrevistada à vontade para responder as perguntas com sinceridade. Todas as entrevistas foram gravadas em um mp3 e transcritas para análise. O objetivo da entrevista foi esclarecer o que as alunas acharam do programa e quais as conclusões que obtiveram.

As entrevistas tiveram o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) O que você achou das aulas de dança?
- 2) Qual o ritmo que você mais gostou? Por quê?
- 3) E qual você menos gostou? Por quê?
- 4) O que você queria ter aprendido que não teve no programa?
- 5) Qual ritmo você aprendeu mais? Por quê?
- 6) Você acha que as aulas de dança trouxeram alguma novidade? Qual foi ou quais foram?
- 7) O que você entendeu sobre o fato de termos conversado durante as aulas sobre a presença de várias culturas na dança? Que conclusão você chegou?

A entrevistadora teve que estimular as entrevistadas a falarem, pois estas respondiam apenas “Sim”, “Não”, “Legal” ou várias vezes não sabiam responder, dessa forma outras perguntas complementares tiveram que ser incluídas para que as alunas dissessem suas opiniões.

É necessário salientar que buscou-se garantir o anonimato dos alunos, do professor-colaborador e da escola e que o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da Unesp Rio Claro (CEP-IB-UNESP) através do protocolo 2145, datado de 26/03/2008 (Anexo A).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o objetivo de elaborar, implementar e avaliar um programa de dança na escola sobre uma perspectiva multicultural, mais especificamente, aplicar um programa de dança na escola e avaliar as suas possibilidades e dificuldades, esse estudo se desenvolveu através de nove aulas semanais com duração de 50 minutos cada. O grupo de alunos participantes da pesquisa pertencia a 6ª série do Ensino Fundamental e a faixa etária do grupo era de 12 a 14 anos.

Partindo do diário de campo, avaliação inicial, avaliação final e das entrevistas, os resultados encontrados foram categorizados em três grupos: relações de gênero; indisciplina, desinteresse dos alunos e apoio escolar; dança e multiculturalismo. Todo o conteúdo das aulas, da observação e das entrevistas está em anexo do trabalho (Anexos B e C).

5.1. Menino dança? E menina joga futebol?

A Educação Física escolar sofre uma influência muito grande da cultura sexista existente no país. Em uma pesquisa feita por Costa, Silva & Avila (2000) ficou evidente que a escola estudada por eles trabalhava com o modelo masculino, contribuindo para a neutralização das meninas. E essas, apesar de atuarem como “figurantes”, aceitavam participar das atividades “masculinas” enquanto os meninos tinham forte resistência em envolver-se naquelas “eleitas” como femininas. Dessa forma, os autores concluíram que a escola mista não assegura a superação do sexismo e o avanço da subjetividade feminina, como tampouco contribui para a reflexão sobre a subjetividade masculina.

Com relação à cultura sexista Daolio (1995) considera, apoiado em Marcel Mauss, que:

[...] há uma construção cultural do corpo, definida e colocada em prática em virtude das especificidades culturais de cada sociedade. [...] Assim, há uma valorização de certos comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um conjunto de gestos típicos de uma determinada sociedade. (p. 100)

Nesse sentido, é possível afirmar que o corpo feminino tem uma construção cultural diferente da construção do corpo masculino, resultando em uma diferenciação motora entre meninos e meninas que se constrói culturalmente e, portanto, não ocorre de maneira natural e nem é determinada exclusivamente pelos componentes biológicos.

Desde o nascimento e durante todo o período de desenvolvimento, os meninos são estimulados às brincadeiras mais dinâmicas e ligeiras, tais como jogar bola, escalar árvores e empinar pipa, enquanto as meninas brincam com bonecas, utensílios domésticos em miniatura, desenho e pintura, e outras brincadeiras de caráter passivo e “doméstico”, construindo assim a menina doce e frágil, que a sociedade normalmente espera.

Devido a esse fator, a exclusão está presente nas aulas de Educação Física e a co-educação se torna cada vez mais difícil na prática pedagógica. Com o intuito de analisar a maneira pela qual a co-educação é vivenciada e interpretada tanto do ponto de vista do professor como do aluno, Souza Júnior (2003) executou um programa de futebol em uma turma mista e procurou através de observações das aulas, discussões em aulas e entrevistas em grupos, investigar as possibilidades de uma proposta co-educativa por intermédio do futebol. Os resultados encontrados foram divididos em três categorias interdependentes: cultura escolar, relações de gênero e co-educação. Quanto à cultura escolar, o autor concluiu que a resistência a mudanças manifestada pelos alunos exige estratégias de aproximação, investigação e conquistas por parte do professor, propiciando gradativamente a implementação de novos projetos. As relações de gênero evidenciam a necessidade de uma intervenção do professor que resulte na problematização de situações até então tidas como naturais, levando à reflexão e discussão que permitam a revisão de conceitos e o redimensionamento das relações de gênero. E, por fim, através disso e de uma valorização do caráter pedagógico nas aulas em detrimento do caráter competitivo, a co-educação pode contribuir de forma efetiva para uma Educação Física transformadora.

Partindo da cultura escolar que Souza Júnior (2003) citou em sua pesquisa, na escola em que o programa de dança foi realizado também havia uma cultura adotada pelo professor e pelos alunos, que se repetia em todas as aulas: a sala participante do programa tinha aula dupla (1h40min) de Educação Física e o professor dividia o tempo de utilização da quadra poliesportiva para que atendesse

as meninas e os meninos separadamente. Em uma aula as meninas jogavam futebol na quadra poliesportiva e em outra aula, os meninos. Enquanto os meninos jogavam futebol, as meninas dividiam-se entre jogar vôlei de areia na quadra específica, conversar e fazer tarefa de outras disciplinas, já os meninos, quando não estavam jogando futebol, dividiam-se entre jogar vôlei de areia, conversar, assistir o jogo das meninas e dar palpite e usar a bola de basquete para quicar, passar para o colega e se distrair.

Diante disso e da proposta de dança apresentada, o professor determinou que somente as meninas participariam das aulas, pois segundo ele, “como é uma aula de dança, as meninas ficam com você e os meninos jogam futebol”.

Portanto, na primeira aula de Educação Física as meninas jogavam futebol e na segunda faziam aula de dança, enquanto os meninos jogavam futebol na segunda aula e na primeira praticavam as atividades citadas anteriormente.

Esse foi um dos problemas enfrentados durante a execução do programa, pois a proposta inicial era tratar da dança sob uma perspectiva multicultural que atendesse meninas e meninos, porém não atingiu a população masculina.

Apesar dessa separação de gêneros imposta pelo professor, houve a participação de alguns meninos nas duas primeiras aulas. Na primeira que teve como objetivo a incorporação do principal componente da dança, o ritmo, apenas três participaram, ao passo que os outros preferiram jogar futebol, isso ocorreu devido ao fato do professor ter dado a chance de escolha para eles. Isso mostra que alguns meninos gostavam de dançar, mas foram impedidos por causa da cultura sexista existente na escola.

Já a segunda aula, todos os meninos estavam presentes, pois o dia estava chuvoso e quando isso ocorre, as aulas de Educação Física são realizadas no pátio coberto ou na sala de aula. Nesse dia a aula ocorreu no pátio coberto. Embora estivessem na aula, isso não significa que participaram ativamente de todas as atividades, pois a maioria dos meninos ficou sentada, somente alguns dançaram. Teve um momento da aula que todos foram obrigados a participar, pelo professor, porém depois de alguns instantes já sentaram novamente.

Essa aula abordou o tema “Forró” e por ser uma dança de salão exige a formação de casais, no entanto, após o ensino do passo básico da dança, propus que os meninos convidassem as meninas para dançar e, nessa hora, grande parte da sala se desinteressou, então permiti que se dançasse menina com menina e

menino com menino para que a aula tivesse continuidade. Isso mostra a forte separação entre os sexos e a falta de tradição na interação dos meninos com as meninas e vice-versa.

Além do fato de que os alunos pertencentes a essa faixa etária se encontram numa fase da adolescência que tem como característica principal a formação de “panelinhas” com pessoas do mesmo sexo, resultando nos famosos “Clube do Bolinha” e “Clube da Luluzinha”.

A partir da terceira aula somente as meninas estavam presentes. Por causa disso, na quarta aula, que também abordou uma dança de salão (Rock dos anos 60), também houve casal formado por duas meninas e assim, tanto na segunda quanto na quarta aula, os alunos não vivenciaram a importância do homem na dança de salão e a diferença de papéis entre o homem e a mulher que era uma discussão a ser feita com ambos os sexos e foi realizada somente com as meninas na quarta aula.

Um fato muito interessante aconteceu na quinta aula que tratou do estilo “Dança de Rua”. Esse tipo de dança faz parte da realidade dos alunos da escola e por isso chamou atenção dos meninos que estavam na quadra. Durante a aula, alguns garotos vieram me falar que queriam aprender, porém o professor não permitia. Na parte final, as meninas dançaram a coreografia aprendida diversas vezes e os meninos se deslocaram da quadra e foram assisti-las. Essa situação demonstrou que apesar da separação de gêneros e da cultura do futebol, alguns meninos mostraram-se interessados em dançar, porém foram impedidos pelo professor.

Nesse sentido, é possível perceber que as relações de gênero existentes nessa escola demonstraram se basear numa cultura sexista e em valores preconceituosos, discriminatórios e estereotipados.

5.2. Indisciplina, desinteresse, expectativas de alunos e apoio escolar

Além da separação dos sexos imposta pelo professor, outra categoria muito presente durante o programa foi a indisciplina, o desinteresse e a falta de expectativas dos alunos. Esse tema já foi e continua sendo bastante tratado por estudiosos e já gerou inúmeras pesquisas, como por exemplo, um estudo intitulado “As percepções e os significados para os estagiários de Educação Física em relação à indisciplina na escola” (SANTOS, I. L., et al, 2008).

A indisciplina ocorre por diversos fatores e é compreendida de várias formas. Passos (1996) entende o tema como:

[...] um fogo que atravessa a calma e faz nascer novos movimentos, diversas imagens invertidas: um atravessamento na forma pela qual as escolas estão socialmente organizadas, passando por toda a normatização imposta pela instituição para dirigir-se a um aluno adulto e autônomo, que pode reconstruir conhecimentos (PASSOS, 1996, p.33).

Essa definição discute a possibilidade de se atribuir à indisciplina outros sentidos como a ousadia, criatividade, o inconformismo e a resistência, que não estão ligados com a negação da disciplina.

Alves (2002) aponta que o aluno não deve ser o único culpado da indisciplina, pois outras questões sociais também contribuem para tal acontecimento, tais como: família, instituição escolar, política, religiosidade e qualquer outro âmbito social. E que a oportunidade de surgir novos comportamentos indisciplinados aumentará ainda mais se as propostas curriculares, a metodologia utilizada e a postura adotada pelo professor não forem adequadas ao contexto.

Aquino (1996) acrescenta que há dois fatores determinantes da indisciplina escolar. O primeiro é o fator sócio-histórico que significa que a escola não acompanhou a evolução dos alunos, ou seja, “a escola tem sido idealizada e gerida para um tipo de sujeito e é ocupada por outro” (p.45). E o segundo é o fator psicológico que pressupõe a importância da inserção de valores, anteriormente à escolarização, como o respeito às regras, cooperação, partilha de responsabilidades que permitirão uma maior compreensão da importância da convivência em grupo e do reconhecimento de uma autoridade externa (professor, direção, entre outros).

Para ilustrar o fator sócio-histórico a que se referiu Aquino (1996), tem a questão das novas tecnologias que invadiram a vida dos adolescentes. Esses se distraem durante horas com jogos extremamente rápidos e com imagens alucinantes que quando chegam à escola não conseguem prestar atenção numa aula com duração de 50 minutos, pois o seu tempo de atenção diminuiu, e então optam por conversar.

Assim, o tema da indisciplina é muito complexo e a manifestação desse comportamento é resultado de uma série de razões citadas anteriormente e dentre outras.

No decorrer do programa, a indisciplina foi outro problema enfrentado. Em todas as aulas, as alunas conversavam demais, gritavam e eram muito resistentes ao estilo de dança apresentado. A conversa excessiva dificultava a minha explicação e me obrigava a explicitar o mesmo conteúdo várias vezes, além de não conseguir finalizar algumas aulas com os debates necessários. Grande parte do tempo das aulas foi destinado à restaurar a organização da classe, tentando conter o tumulto, a conversa e a bagunça generalizada.

O procedimento mais usado para amenizar a indisciplina foi o diálogo, porém não resolveu, porque depois de diversas aulas a situação continuou igual e as alunas não cumpriam as orientações. Então, em alguns momentos adotei uma concepção tradicional, a chantagem, para testar se essa forma funcionaria, porém também não produziu nenhum efeito já que elas não se empenhavam e não queriam aprender novos conteúdos. As meninas não tinham interesse nos tipos de dança das outras culturas e diziam que eram “bregas”.

A postura tradicional adotada por mim para controlar a indisciplina condiz com a pesquisa feita por Santos et al (2008), na qual um dos resultados encontrados refere-se ao método adotado, pelos estagiários, para amenizar a indisciplina e a maioria deles utiliza a chantagem como procedimento metodológico.

Segundo Aquino (1996), há duas formas de atuação para a minimização da indisciplina escolar. A primeira diz respeito à relação professor – aluno – conhecimento/ agente – clientela – objeto institucional que significa um resgate da moralidade discente através da observação de regras, de semelhanças e diferenças, de regularidades e exceções. Trata-se, então, dos modos de pensamentos envolvidos neste conhecimento e não, necessariamente, dos conteúdos em si. E a segunda forma atenta para a necessidade da desconstrução e reconstrução desse conhecimento junto com os alunos, isto é, rever as metodologias, relações e os conteúdos juntamente com os alunos que são o elemento essencial na construção dos parâmetros relacionais de professores e alunos.

Como já dito anteriormente, o programa não atingiu a população masculina, por uma determinação do professor-colaborador. Assim, somente as meninas tiveram a oportunidade de ter contato com a dança, porém ainda nem todas participavam das

aulas por diversos motivos, tais como: umas diziam que não gostavam de dançar, outras não gostavam de se exercitar, outras queriam ficar sentada e outras tinham vergonha de se expor. Todas as aulas tiveram grupos de meninas não-participantes e eu insistia para elas participarem, mas não era possível, a resistência era muito grande. Em determinadas aulas, esse grupo me obrigou a interromper a aula, pois conversavam e ficavam debochando das outras que estavam dançando.

Uma possível justificativa para tanta indisciplina das alunas foi a falta de autonomia perante a sala, devido a minha condição de estagiária, e também a falta de conhecimento dos alunos e do professor, além dos fatores sociais envolvidos nessa problemática.

O contexto escolar também foi um fator determinante da indisciplina e a realidade dessa instituição de ensino é a seguinte: Os alunos possuem vocabulário pobre, falam errado e palavrões. Alguns são indisciplinados e não respeitam ordens de funcionários e professores. Nas aulas de Educação Física, são sempre os mesmos que participam das atividades e querem somente esporte, principalmente futsal. Os alunos consideram a Educação Física como um descanso, pois não precisam escrever e permanecem fora da sala de aula. Têm uma visão esportivista em relação à disciplina e possuem a ilusão ideológica de que a escola é sinônimo de um futuro profissional promissor, por isso consideram o estudo importante. É necessário ressaltar que a maioria deles é residente de bairros da periferia de Rio Claro e que alguns trabalham fora do período de aula para ajudar nas despesas domiciliares.

Além disso, a relação professor-aluno é muito ríspida. O professor mantém uma relação impessoal com os alunos com o objetivo de garantir a sua autoridade. Exige disciplina, grita com os alunos em vários momentos da aula, é ríspido e freqüentemente ameaça-os com castigos.

Esses dados foram obtidos através de observação feita anteriormente à aplicação do programa de dança, visto que o estudo ocorreu simultaneamente com o meu Estágio de Regência que precede o Estágio de Observação realizado no mesmo estabelecimento.

Acredito que o comportamento indisciplinado seja o não-cumprimento das regras pré-estabelecidas, além da falta de respeito com os colegas e com o professor. E o papel da escola como formadora de cidadãos é mostrar aos alunos os valores, as regras, os direitos e deveres possibilitando a construção de critérios para uma escolha pessoal. Segundo Rego (1996), as regras devem deixar de serem vistas

como elementos castradores e a escola precisa trabalhar com princípios e normas que orientem o convívio escolar, de maneira a serem compreendidas como uma condição necessária ao convívio social.

É importante ressaltar que as conversas, brincadeiras e bagunças são comuns no ambiente escolar, no entanto, as alunas ultrapassaram os limites e estes contratempos prejudicaram o bom andamento das aulas.

Além disso, a equipe de apoio da escola (funcionárias) também não colaborou com vários aspectos, tais como: dificultava o acesso à escola, porque não se prontificava a abrir o portão e demorava para disponibilizar o rádio, o que atrasava o início de algumas aulas. Para entrar na escola era preciso tocar a campainha do portão de acesso e para este ser aberto, uma funcionária tinha que apertar o botão do interfone e isso demorava para acontecer. Então, logo depois da entrada era preciso solicitar o rádio na secretaria e elas me faziam esperar por mais um tempo. Várias vezes reclamavam e faltavam com educação.

Diante dessa situação, resolvi conversar com a coordenadora pedagógica da instituição e ela reconheceu que a equipe de apoio não se compromete e conversou com a vice-diretora. Depois disso, o problema foi amenizado.

Um outro aspecto a ser citado é também a falta de apoio do professor colaborador, além dos fatores já mencionados anteriormente relacionados a ele. O professor não acompanhava as aulas e ficava com os meninos na quadra, ele acompanhou somente no segundo dia, pois choveu e a aula foi ministrada no pátio coberto.

Assim, a falta de apoio das funcionárias foi outro problema enfrentado durante a execução do programa. E como o próprio o nome determina, uma equipe de apoio deve dar suporte aos acontecimentos da escola, porém nessa instituição isso não acontece corretamente, porque as pessoas encarregadas dessa função não têm entusiasmo para trabalhar, além de faltarem com educação com os alunos e com os estagiários.

5.3. Dança e Multiculturalismo

Temos que atacar sólida e agressivamente o terreno dos valores, ressaltando o princípio da igualdade como critério central de qualquer sociedade verdadeiramente livre. Igualdade não quer dizer uniformidade, como afirma o neoliberalismo, mas, ao contrário, a única autêntica diversidade (ANDERSON, P. 1995/96, p. 13)

Para começar a discorrer sobre o item Dança e Multiculturalismo é preciso descrever a avaliação realizada durante o programa. Essa foi feita em duas etapas, uma avaliação inicial e outra final.

A avaliação inicial foi composta de um questionário que foi aplicado no primeiro dia e que continha as seguintes perguntas:

- 1- Já teve algum contato com dança? Quais? Durante quanto tempo?
- 2- Quais tipos de dança você já ouviu falar?

O critério utilizado para tal foi identificar se os alunos possuem, ou não, experiência com dança.

Já o instrumento proposto para a avaliação final foi a montagem de coreografias em grupos com os passos ensinados durante as aulas. E o critério baseou-se em averiguar se nas coreografias apresentadas continham, ou não, os passos básicos das modalidades de dança ensinadas. A avaliação inicial dos meninos foi registrada, mas como não houve a continuidade dos mesmos no projeto, também não houve sua avaliação final. Dessa forma, a avaliação final e as entrevistas foram realizadas somente com as meninas.

A avaliação inicial teve como resultado principal o fato de que entre 20 meninas, 19 já tiveram contato com dança e 1 menina não teve contato. As vivências das meninas que tiveram contato com dança foram: hip hop (1), jazz (4), gospel (1), rock (1), balé (4), ginástica rítmica (6), axé (9) e funk (5). Lembrando que uma menina pode ter vivenciado mais de um estilo de dança.

Com relação à segunda questão, os tipos de dança que os alunos já ouviram falar foram muitos, em geral, como por exemplo: pagode, hip hop, samba, jazz, funk, balé, axé, samba rock, black, pop, rock, sertanejo, valsa, etc.

Essa avaliação demonstra que a maioria das meninas já teve contato com algum tipo de dança e a maioria dos meninos não. No entanto, todos já ouviram falar de vários estilos de dança.

A avaliação final foi realizada com sucesso, as alunas montaram as coreografias, escolheram as músicas e as apresentaram. As meninas lembraram diversos passos ensinados durante o programa e acrescentaram os seus próprios movimentos nas coreografias.

Além disso, é interessante fazer um breve relato de algumas aulas que abordaram essa categoria para melhor compreensão e análise dos resultados.

A terceira aula do programa tratou do tema “Danças Circulares Sagradas” e a dança ensinada foi Irish Mandala. Como já citado anteriormente, a partir dessa aula o professor disponibilizou somente as meninas. Dessa forma, elas conseguiram assimilar os movimentos, apesar de alguns erros e foi possível perceber que aprenderam e gostaram da dança, porém acharam a música chata. No fim da aula, as meninas disseram que estavam mais alegres e dispostas. Esse estilo atingiu um maior número de alunas e foi estimulante porque gostaram de uma dança diferente daquelas que estão acostumadas, como por exemplo, pagodes e funk, em geral.

A quarta aula abordou uma dança de salão chamada Rock dos anos 60. Algumas alunas se interessaram pelo tema e se esforçaram para aprender, enquanto outras apenas fingiam fazer aula. Sendo assim, apenas algumas assimilaram o passo básico e se divertiram com o ritmo. Além disso, esse ritmo apresentou um problema ligado à falta de coordenação motora e de ritmo. Determinadas meninas tiveram muita dificuldade para acompanhar o ritmo, porque a música do rock dos anos 60 apresenta um andamento mais acelerado.

Já a quinta aula, segundo algumas meninas foi a melhor do programa, pois o tema foi Dança de Rua e houve uma intensa identificação com a música e com os passos da coreografia. Pela primeira vez as alunas não fizeram a aula com má-vontade. O ritmo da música era acelerado e as mesmas alunas que não conseguiram acompanhar o ritmo do Rock, também não conseguiram na Dança de Rua, estas faziam somente lentamente, enquanto outras tiveram extrema facilidade, aprenderam os passos e ajudaram a ensinar as outras meninas.

Na entrevista, quando interrogadas sobre qual ritmo aprenderam mais, das cinco meninas, três responderam a dança de rua por motivos, tais como:

“Dança de rua, porque eu tive mais facilidade nos passos.”
(aluna 3)

“Dança de rua, porque eu gostei mais de fazer, daí eu me empenhei bastante.”(aluna 4)

“Dança de rua, porque é mais o meu estilo assim. O meu irmão dançava e eu aprendia com ele.”(aluna 5)

Na sexta aula, o tema trabalhado foi jazz e seguiu o mesmo padrão da aula anterior, porém não teve o mesmo êxito. As meninas não gostaram dos passos de jazz apresentados, acharam difíceis, principalmente o movimento característico do jazz chamado contratempo, o que levou a um certo desinteresse e ao pedido pela repetição da coreografia de dança de rua. Houve muita falta de interesse pelo estilo

de dança proposto, o que contrariou as expectativas, visto que acreditei que as alunas passariam a se interessar pelo programa por causa do sucesso que foi a quinta aula.

Dessa maneira, pode-se perceber que as meninas se empenham somente pelos ritmos que fazem parte da sua realidade e os outros que nunca ouviram falar, impõem limites para a participação. É importante lembrar que uma das alunas relatou na entrevista que gostou bastante do jazz e esse foi o ritmo que ela mais gostou e mais aprendeu.

A sétima aula foi alterada pelo grande número de pedidos feitos por algumas meninas e tratou de dois ritmos presentes na realidade delas, o samba rock e o pagode.

Acreditava que essa aula seria um sucesso por conter esses ritmos que as garotas gostam e solicitaram, todavia só um determinado grupo que gostava de pagode fez a aula. Esse grupo se esforçou para aprender o samba rock, porém achou difícil o que levou a mudar sua concepção em relação ao ritmo. Uma aluna disse no fim da aula: “Achei que o samba rock fosse legal!”. E duas garotas entrevistadas relataram que o samba rock foi o ritmo que elas menos gostaram.

Isso ocorreu, porque esse ritmo demanda treino e coordenação motora e somente uma parte da aula tratou do samba rock que é considerado pouco tempo para assimilar os movimentos. É necessário um tempo maior de aprendizagem, porém a aula somente abordou um ritmo difícil devido à vários pedidos.

O tema da oitava aula foi escolhido pelas alunas na aula anterior que optaram pelo axé e funk. Discutiu-se a diferença entre o funk americano e o funk carioca. E também a origem e a história do funk. Logo depois, as músicas do funk carioca e de axé foram colocadas e elas dançaram suas coreografias. Essas músicas já possuem um modelo pronto de coreografia e as meninas adoram dançar esses ritmos.

A maioria das alunas fez a aula e estavam animadas, porém, mesmo sendo um tema escolhido por elas, algumas não participaram.

Através da entrevista e do tema da oitava aula é possível constatar que as alunas gostam mais dos ritmos axé e funk, pois quando questionadas sobre qual ritmo gostaram mais, duas meninas responderam funk e uma respondeu axé.

“Axé, porque é mais agitado e tem uns passos muito legais.”
(aluna 5)
“Funk, porque eu gosto de dançar funk.” (aluna 3)
“Funk, porque é meu ritmo preferido. E eu sempre gostei de funk.”
(aluna 2)

Com relação ao fato das alunas gostarem de ritmos que possuem modelos prontos de coreografia, uma aluna expressa esse fator quando interrogada sobre qual ritmo havia aprendido mais: *“Axé, porque eu tenho muito CD de axé e qualquer “CDzinho” que coloca agora, eu já tenho o ritmo e já tenho os passos próprios da dança.”* (aluna 2)

As sétima e oitava aulas tiveram o objetivo de abordar temas que as alunas gostam e fazem parte do seu cotidiano, pois segundo Ortiz (2003), o professor-formador traz consigo suas teorias, suas práticas anteriores e correntes e procura construir uma cultura com seus alunos por meio de um contexto de ensino-aprendizagem e, por sua vez, seus alunos também trazem as próprias teorias e experiências. Dessa forma, procurou-se buscar o conhecimento e as vivências que as alunas já possuíam em relação à dança, porque nas aulas antecedentes, os temas propostos foram baseados nas práticas e na cultura da aluna-pesquisadora.

A última aula foi destinada para a avaliação final, a qual já foi descrita.

Todos esses aspectos descritos demonstram uma certa dificuldade em aplicar um programa de dança e multiculturalismo na escola. Sacristán (1997) faz uma análise das limitações que aparecem na escola quanto a oferecer uma educação que respeite as diferenças e afirma que a escola dominante não é multicultural, pois o currículo é unilateral, em relação às oportunidades de desenvolvimento das diferentes capacidades humanas. Segundo o autor, a escola tem um conceito restritivo de êxito escolar, fazendo com que as competências pessoais sejam ainda mais limitadas, colocando freios às possibilidades dos sujeitos. E dentre os fatores, considerados pelo autor, que contribuem para uma homogeneização do tratamento pedagógico, alguns deles são: a estrutura organizacional do sistema educativo e das instituições que gradua as aprendizagens a serem transmitidas; a ordenação do currículo adotando tempos próprios para cada tipo de conteúdo; a comodidade dos professores que acreditam que é mais fácil trabalhar com uma base homogênea de estudantes. O mesmo autor considera que é o currículo comum para todos que deve incorporar a visão multicultural. Dessa forma, a integração de culturas vai

realizar-se dentro de um sistema de escolarização único que favoreça a igualdade de oportunidades.

Além disso, Gaspari (1997) acrescenta que a falta de vivências em atividades físicas expressivas e criativas nas aulas de Educação Física escolar, assim como a falta de programas culturais, como assistir a um teatro, espetáculos de danças ou musicais, pode ser motivo de resistência ao lidar com novas situações de ensino que estimulem a criatividade e a expressividade veiculada pela dança.

Enfim, as alunas foram muito resistentes aos estilos de dança diferentes daqueles que estão acostumadas e demonstraram gostar de ritmos conhecidos previamente como funk e axé, os quais possuem modelos prontos de coreografia. As diferenças, sobretudo as culturais, foram apresentadas durante o programa e a discussão da necessidade do respeito também, porém foi possível perceber que a maioria não compreendeu os sentidos e significados da dança na perspectiva do multiculturalismo. Isso ficou evidenciado na entrevista, pois na última questão que diz respeito à presença de várias culturas na dança, duas meninas não souberam responder mesmo com estímulo, outras duas responderam depois do incentivo e somente uma respondeu sem ajuda. Porém, das meninas que responderam nenhuma delas mencionou a importância do respeito, embora possam ter introjetado alguns valores que só serão expressos no futuro.

“Nem todas as danças são iguais. Cada dança tem seu passo, seu ritmo diferente e é tudo diferente.” (aluna 2)

“Aprendi que não tinha só uma música, que tinha várias músicas e que as outras músicas também são legais.” (aluna 3)

“Entendi a origem das danças que a gente não sabe, a gente só dança por dançar como vocês falaram, né? Ah, aprendi isso, é a origem das danças.” (aluna 4)

Acredito que as alunas não devam ser as únicas culpadas por essa resistência, pois isso se dá por vários fatores, como por exemplo, a cultura escolar, a falta de vivências em atividades físicas expressivas e criativas nas aulas de Educação Física, como cita Gaspari (1997), a homogeneização do sistema de ensino, proposto por Sacristán (1997), o contexto em que o aluno está inserido e até mesmo as dificuldades da própria aluna-pesquisadora.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas são reflexões realizadas a partir das análises conduzidas no decorrer do estudo. Na realização desta pesquisa procurei dialogar com a literatura e com a minha vivência na aplicação do programa de dança. Essa trajetória teve como finalidade elaborar, implementar e avaliar um programa de dança na perspectiva multicultural, que contribua com a formação do cidadão na escola. Mais especificamente, aplicar um programa de dança na escola e avaliar as suas possibilidades e dificuldades. A maneira de conduzir a pesquisa foi do tipo etnográfica em que o processo deve ser mais valorizado que os resultados finais, buscando assim descobrir novos conceitos e novas relações.

Dessa maneira, os resultados nos permitem concluir que as relações de gênero existentes nessa escola demonstraram se basear numa cultura sexista e em valores preconceituosos, discriminatórios e estereotipados, pois o professor colaborador não disponibilizou os meninos para participarem de um programa de dança. Com essa separação de gêneros nas aulas de Educação Física, o professor demonstrou seguir o modelo tradicional que significa uma valorização da prática esportiva acrítica em detrimento de outras práticas educativas, valorização da competição e da performance, além disso, o professor mantém relações impessoais com os alunos, com o objetivo de garantir a sua autoridade (DARIDO, 1996). Segundo GALVÃO (2002), a Educação Física deve englobar outros elementos essenciais e o professor deveria estar centrado na preocupação com o desenvolvimento global do ser humano em todos os seus aspectos.

A indisciplina esteve muito presente durante todo o programa. Em todas as aulas, as alunas conversavam demais, gritavam e eram muito resistentes ao estilo de dança apresentado. Grande parte do tempo das aulas foi destinado à restaurar a organização da classe, tentando conter o tumulto, a conversa e a bagunça generalizada. Além disso, havia um grupo de alunas que não participavam das aulas por diversos motivos e em determinados momentos, esse grupo interrompia a aula, pois conversavam e ficavam debochando das outras que estavam dançando.

Acredito que tanta indisciplina das alunas e a separação de gêneros nas aulas ocorreu devido a falta de autonomia perante a sala, por causa da minha condição de estagiária, e também por causa da falta de conhecimento dos alunos e do professor, além do contexto escolar e dos fatores sociais envolvidos nessa problemática.

Em se tratando do item Dança e Multiculturalismo, as alunas foram muito resistentes aos estilos de dança diferentes daqueles que estão acostumadas e demonstraram gostar de ritmos conhecidos previamente como funk e axé, os quais possuem modelos prontos de coreografia. Gostam somente desses ritmos que fazem parte da realidade delas e os outros que não conhecem demonstraram um certo desinteresse e preconceito. As diferenças, sobretudo as culturais, foram apresentadas durante o programa e a discussão da necessidade do respeito também, porém foi possível perceber que a maioria não compreendeu os sentidos e significados da dança na perspectiva do multiculturalismo.

Em determinados ritmos houve muita falta de coordenação motora por parte de algumas alunas enquanto outras tiveram facilidade, fato que também dificultou o ensino-aprendizagem. A falta de coordenação era facilmente notada, pois não conseguiam acompanhar o ritmo da música e nem assimilar os movimentos. Creio que a pouca coordenação é consequência da falta de experiências anteriores, inclusive na própria aula de Educação Física na escola.

Assim, me defrontei com extrema resistência para ensinar estilos diferentes e de outras culturas.

Uma possibilidade para a resistência das alunas está no conflito entre a didática do professor e a minha, isto é, estavam acostumadas com o modelo tradicional da Educação Física e por isso não se adequaram ao novo modelo e conteúdo, em que as alunas foram incentivadas a ter voz ativa nas aulas e respeitar as diferentes culturas. Além disso, a equipe de apoio da escola não colaborou com vários aspectos.

Analisando os dados obtidos, é notável que algumas metas iniciais não foram alcançadas como, por exemplo, os meninos não tiveram a oportunidade de participar das aulas e a discussão sobre o preconceito do homem na dança não atingiu o público principal. Para isso foi necessário fazer uma mudança na coleta, como anuncia a pesquisa do tipo etnográfica, e os resultados foram obtidos somente com as meninas.

Apesar desses fatores, através da entrevista também foi possível perceber que todas as alunas gostaram do programa e acharam-no divertido. E quando questionadas sobre o que queriam ter aprendido que não teve no programa, somente uma menina disse que queria ter aprendido dança do ventre e as outras disseram que estavam satisfeitas com todo o conteúdo.

Nesse sentido, essa prática me proporcionou uma experiência importante para minha formação e a convivência com situações problemáticas, o que forneceu um amadurecimento relevante. Mesmo com as dificuldades enfrentadas acredito que a dança deva fazer parte do contexto escolar.

Os resultados apontaram para dificuldades de implementação de novas propostas sobretudo, quando não contam com o apoio da escola e do professor responsável. Sendo assim, sugere-se novos estudos realizados e elaborados de formas diferentes que abordem esse tema para que possamos identificar as melhores estratégias e metodologias de tratar os elementos dança e multiculturalismo na escola.

7. REFERÊNCIAS

ALVES, C. M. S. D. **(In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar.** 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2002.

ANDERSON, P. Balance del Neoliberalismo: lecciones para la izquierda. **El Rodaballo (segunda época), Revista de Política y Cultura**, Año II, nº 3, Buenos Aires, 1995/1996.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar.** Campinas, SP: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: _____ (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996, p.39-54.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRICKNER, R.; RON, T. **Ensino Adaptado – desenvolvimento e mudança de um projeto experimental ao aprofundamento e institucionalização: 1973 – 1999.** Centro de Tecnologia Educativa: Tel Aviv, 1996.

BRICKNER, R. et al. **Ensino adaptado na classe heterogênea.** Centro de Tecnologia Educativa: Tel Aviv, 1997.

CHALUH, L. N. **Educação e diversidade: um projeto pedagógico na escola.** Campinas: Editora Alínea, 2006.

COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção Magistério 2º Grau. Série formação do professor.)

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. & AVILA, A. B. Relações de gênero no cotidiano das aulas de Educação Física de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LINGUA PORTUGUESA, 8, 2000, Lisboa. **Anais...** Lisboa: UTL, 2000. p. 167-168.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. (Org.) **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: Papirus, 1995. p. 99-108.

DARIDO, S. C. **Ação pedagógica do professor de Educação Física: estudo de um tipo de formação profissional científica.** 1996. nf. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, USP, 1996.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FORQUIN, J. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GALVÃO, Z. **Educação Física escolar: a prática do bom professor.** Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, 2002.

GASPARI, T. C. **A dança como conteúdo da Educação Física.** 1997. 42 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MENDES, M. G. **A Dança.** São Paulo: Editora Ática, 1987.

NANNI, D. **Dança-Educação: Pré-escola à Universidade.** Rio de Janeiro: Editora Sprint, 1995.

ORTIZ, H. M. **O professor reflexivo: (re) construindo o "ser" professor.** IV Congresso de Educação do Movimento Humanidade Nova - Educação a fraternidade: um caminho possível? Vargem Grande Paulista, Movimento Humanidade Nova - Sala Temática: O professor reflexivo, p. 1-10, 2003 (texto mimeo).

PASSOS, L. F. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: Aquino, J. G. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996, p.117-127.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana. In: Aquino, J. G. (org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996, p.83-101.

SANTOS, I. L.; RODRIGUES, H. A.; FUZII, F. T.; OLIVEIRA, R. S.; OLIVEIRA, M. K.; PELUQUI, D.; DARIDO, S. C. . **As Percepções e os Significados para os Estagiários de Educação Física em Relação à Indisciplina na Escola.** Movimento (Porto Alegre), v. 14, p. 122-143, 2008.

SACRISTÁN, J. G. **Docencia y cultura escolar: reformas y modelo educativo.** Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997.

SOUZA JÚNIOR, O. M. de. **Co-educação, futebol e Educação Física escolar.** 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

<http://pessoal.educacional.com.br/up/580001/508188/O%20Que%20%E9%20Pluralidade%20Cultural.htm> acessado em 24/04/2008

8. ANEXOS

8.1. Anexo A – Parecer do Comitê de Ética



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Rio Claro



Rio Claro, 29 de maio de 2008.

Ofício CEP 112/2008

Prezada Senhora,

Informamos que em reunião realizada em **27.05.2008**, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências, UNESP, Campus de Rio Claro (CEP-IB-UNESP), aprovou o projeto de pesquisa intitulado **"Dança e multiculturalismo: possibilidades e dificuldades na Educação Física escolar"**, sob sua responsabilidade, protocolo **2145**, datado de **26/03/2008**, tendo como orientanda Cinthia Andressa Araújo Fioravanti.

Atenciosamente,


Prof. Dra. **Rosa Maria Feiteiro Cavalari**
Coordenadora do Comitê

Ilma. Sra.
Prof. Dra. SURAYA CRISTINA DARIDO
DD. Docente do Departamento de Educação Física – I.B.
UNESP - CRC

UNESP - RIO CLARO - CEP-IB-UNESP - 15-46 - 00000000

8.2. Anexo B – Conteúdo e Observação das aulas

AULA 1 - Atividades Rítmicas

Conteúdo: - Apresentação do programa;
- Avaliação inicial (questionário);
- Siga o ritmo: de acordo com o ritmo da música, haverá uma contagem de 1 a 8 (métrica da música), os alunos começarão a atividade andando no ritmo e em vários níveis propostos (alto, médio e baixo), depois batendo palma e andando no ritmo da música, que será trocado várias vezes. Logo em seguida, os alunos baterão palma somente em determinados tempos da música como, por exemplo, nos tempos 1, 5 e 7, e assim formarão duplas e seguirão o mesmo padrão de palmas. Também em determinados tempos da música, os alunos realizarão saltos;
- A mesma atividade será feita com bexigas (bater na bexiga apenas nos tempo indicados sem deixá-la cair);
- Escravos de Jó em pé e sentados;
- Encerramento com uma discussão sobre o que a mídia influencia na dança.

Observação: Nessa aula introdutória senti muita dificuldade de envolver os alunos nas atividades. Eles não tinham vontade de fazer nada, ou porque não gostavam de dançar ou pelo fato de não gostarem de Educação Física. Os alunos que participaram da aula foram muito indisciplinados, não paravam de conversar e de gritar. Quando distribuí a bexiga na atividade “siga o ritmo”, todos gostaram do objeto, porém fizeram barulho e bagunça e não a atividade proposta. O professor-colaborador não disponibilizou a sala inteira para a primeira aula e deu a chance de escolha entre a dança e o futebol para os meninos, então somente 3 meninos participaram. Enfim, a primeira aula não teve um bom andamento e senti uma resistência muito grande dos alunos quanto ao elemento dança.

AULA 2 – Dança de salão: Forró

Conteúdo: - O que é dança de salão?: conversar com os alunos e perguntar suas vivências com as danças de salão;
- Passos básicos da dança (dois pra lá e dois pra cá/ frente e trás);
- Variações: abertura e giro da dama.

Observação: O dia estava chuvoso e a aula foi realizada no pátio coberto. Dessa forma, a sala inteira estava presente e o professor acompanhou a aula. Nem todos alunos participaram, principalmente os meninos, e ficaram sentados. Teve um momento que o professor obrigou todos os alunos a participarem, porém depois de alguns instantes, uns já sentaram novamente. Algumas meninas não quiseram participar no início e depois correram atrás de mim querendo aprender o passo. Várias meninas quiseram dançar comigo. Como o tema da aula foi dança de salão era necessário que formasse casais, porém os alunos do ciclo II do Ensino Fundamental se encontram numa fase da adolescência que tem como característica a formação de “panelinhas” com pessoas do mesmo sexo. Então, quando pedi para os meninos convidarem as meninas para dançar, grande parte da sala não queria mais fazer aula, por isso permiti a formação de casais com pessoas do mesmo sexo. Essa aula também teve muita indisciplinada, conversa e não teve a participação total dos alunos durante toda aula, porém foi melhor que a primeira.

AULA 3 – Dança Circular: Irish Mandala

Conteúdo: - Alongamento em círculo;
 - Coreografia da dança circular;
 - Conversa sobre as diferenças culturais.

Observação: A partir da terceira aula somente as meninas participaram do programa e os meninos jogaram futebol. As garotas conversaram bastante durante a aula o que dificultou a explicação, por isso tive que explicar o mesmo conteúdo diversas vezes. Com relação à dança, elas conseguiram assimilar o movimento e dançar o Irish Mandala com alguns erros, mas foi possível perceber que aprenderam e gostaram da dança. No final todas responderam que estavam mais dispostas e felizes, inclusive uma menina que só observou. Enfim, essa aula me deixou mais entusiasmada, pois atingiu um número maior de pessoas e elas gostaram de uma dança diferente daquelas que estão acostumadas, como por exemplo, pagodes e funk, em geral.

AULA 4 – Dança de salão: Rock dos anos 60

Conteúdo: - Buscar o conhecimento já existente das alunas sobre a dança;
 - Passo básico;
 - Variação;
 - Discussão sobre a importância e a diferença do homem e da mulher na dança de salão.

Observação: Algumas meninas se interessaram pelo tema da aula e se esforçaram para aprender e fazer certo, em compensação, outras ficavam fingindo que estavam fazendo e quando eu virava as costas, elas paravam de dançar. Dessa forma, poucas meninas conseguiram assimilar os movimentos e dançar no ritmo da música. Além da indisciplina, esse ritmo apresentou um outro problema que foi a falta de coordenação motora e de ritmo. Algumas meninas tiveram muita dificuldade para acompanhar o ritmo, porque a música do rock dos anos 60 apresenta um andamento um pouco acelerado e isso causou desinteresse da aula. Nessa aula também houve a formação de casais do mesmo sexo. A conversa excessiva dificultou a explicação e o debate final. Portanto, essa aula atingiu poucas meninas e a resistência ao programa continua muito grande.

AULA 5 – Dança de rua

Conteúdo: - Buscar o conhecimento já existente das alunas sobre a dança;
 - Ensinar passos simples e indo para os mais complexos sem parar a música;
 - Coreografia com os passos ensinados;
 - Debate final sobre a dança de rua.

Observação: A quinta aula, segundo algumas meninas foi a melhor do programa, pois é um ritmo presente na realidade delas e por isso houve uma intensa identificação com a música e com os passos da coreografia. As alunas adoraram o tema proposto e pela primeira vez não fizeram a aula com má-vontade. As meninas com a coordenação motora pouco desenvolvida não conseguiram acompanhar os passos da coreografia, se desinteressaram e sentaram. Esse ritmo também apresenta um andamento acelerado e essas não conseguiam acompanhá-lo, faziam somente lentamente, enquanto outras tiveram extrema facilidade, aprenderam os

passos e me ajudaram a ensinar as outras meninas. A coreografia chamou atenção dos meninos e estes vieram assistir as meninas dançar. Alguns deles demonstraram interesse pela aula e falaram que queriam aprender, porém o professor-colaborador não permitia. As meninas saíram da aula animadas e disseram que iam apresentar a coreografia na gincana da escola. Essa aula teve um ótimo andamento e aumentou o meu ânimo. Ao fim, me senti satisfeita e com a sensação de dever cumprido.

AULA 6 – Jazz

Conteúdo: - Explicar o que é jazz e buscar o conhecimento das alunas sobre a dança;

- Ensinar passos simples e indo para os mais complexos sem parar a música;

- Coreografia com os passos ensinados;

Observação: A sexta aula seguiu o mesmo padrão da anterior, porém não teve o mesmo êxito. As meninas não gostaram dos passos de jazz apresentados, acharam difíceis, principalmente o movimento característico do jazz chamado contratempo, o que levou a um certo desinteresse e ao pedido pela repetição da coreografia de dança de rua. Depois de muita insistência, as meninas fizeram a aula e no final coloquei a música de dança de rua para elas dançarem. Assim, houve muita indisciplina e falta de interesse pelo estilo de dança proposto, o que contrariou minhas expectativas, visto que acreditei que as alunas passariam a se interessar pelo programa por causa do sucesso que foi a quinta aula.

AULA 7 – Samba Rock e Pagode

Conteúdo: - Buscar o conhecimento já existente sobre as danças;

- Ensinar os passos básicos das danças;

- Variação do Samba Rock.

Observação: A sétima aula foi alterada pelo grande número de pedidos feitos por algumas meninas e tratou desses dois ritmos presentes na realidade delas, o samba rock e o pagode. Acreditava que essa aula seria um sucesso por conter os ritmos que as garotas gostam e solicitaram, todavia só um determinado grupo que gostava de pagode fez a aula. Esse grupo se esforçou para aprender o samba rock, porém achou difícil o que levou a mudar sua concepção em relação ao ritmo. As meninas que não participaram da aula, além de ficarem sentadas, ficaram conversando e debochando das outras que estavam dançando. Isso já havia acontecido em aulas anteriores também. Dessa forma, a aula não atingiu nem as minhas expectativas e nem as das alunas, contudo foi importante para o esclarecimento do conceito dos ritmos.

AULA 8 – Tema escolhido pelas alunas: funk e axé

Conteúdo: - Apresentação do histórico do funk (funk americano e funk carioca);

- Músicas de funk e axé;

Observação: O tema da oitava aula foi escolhido pelas alunas na aula anterior. Foi discutida a diferença entre o funk americano e o funk carioca. No começo da aula, coloquei uma música do funk americano e as meninas não souberam que era um funk, então expliquei a origem e a história desse ritmo. Logo depois, coloquei as músicas do funk carioca e elas dançaram suas coreografias. E a mesma coisa

aconteceu com o axé. Essas músicas já possuem um modelo pronto de coreografia e as meninas adoram dançar esses ritmos. A maioria das alunas fez a aula e estavam animadas, porém, mesmo sendo um tema escolhido por elas, algumas não participaram. Nessa aula também houve muita indisciplina e conversa.

AULA 9 – Avaliação final

Conteúdo: - Dividir a sala em grupos e cada um montar uma pequena coreografia com os passos ensinados durante todo o programa;

- Apresentação dos grupos;
- Encerramento.

Observação: A última aula foi destinada para a avaliação. As alunas se empenharam para montar a coreografia, lembraram alguns passos ensinados, acrescentaram os seus próprios movimentos, escolheram a música e apresentaram. Durante a montagem houve um desentendimento entre dois grupos, pois um dizia que o outro tava copiando a coreografia e vice-versa. Expliquei que isso aconteceria devido ao fato dos passos serem os mesmos para todos, porém não adiantou e na hora da apresentação um grupo ficava debochando do outro. Intervi nesses momentos, porém pude perceber que já existia uma rixa entre esses dois grupos.

8.3. Anexo C – Entrevistas das alunas

ALUNA 1

1) O que você achou das aulas de dança?

Boa, aprendi muitas coisas.

- O que você aprendeu? O que você achou? E o que você gostou?

Gostei bastante daquela música de jazz.

2) Esse foi o ritmo que você mais gostou? Por quê?

Sim, porque eu sempre quis dançar esse tipo de música.

- E o que teve nesse ritmo que você gostou?

Ai e agora não sei falar!

3) E qual foi o ritmo que você menos gostou? Por quê?

Funk, porque funk é muita baixaria.

- Você acha que expõe muito a mulher?

Expõe muito, né?

4) O que você queria ter aprendido que não teve no programa?

Nada, porque eu queria aprender mesmo era jazz.

- Você queria ter aprendido mais jazz?

Isso.

5) Qual ritmo você aprendeu mais? Por quê?

Jazz, porque eu tive mais facilidade.

6) Você acha que as aulas de dança trouxeram alguma novidade? Qual foi ou quais foram?

Não.

- Nada? Não acrescentou nada?

Só o jazz mesmo.

7) O que você entendeu sobre o fato de termos conversado durante as aulas sobre a presença de várias culturas na dança?

Bom, deu para aprender bastante coisa.

- O quê, por exemplo?

Não sei falar.

- Que conclusão você chegou sobre tudo isso que a gente conversou, sobre as culturas diferentes, sobre o preconceito?

Bom, achei muito bom, deu para aprender bastante coisa assim com as coisas que foram explicadas pra gente.

- Você pode falar alguma coisa que você entendeu e que te marcou?

Não sei falar.

ALUNA 2

1) O que você achou das aulas de dança?

Eu gostei muito, porque alguns passos que eu não sabia, eu aprendi mais.

2) Qual o ritmo que você mais gostou? Por quê?

Funk, porque é meu ritmo preferido.

- Você já dançava funk?

Já, eu sempre gostei de funk.

3) E qual foi o ritmo que você menos gostou? Por quê?

Samba rock, porque eu achava que samba rock fosse legal e aí eu vi os passos e não gostei muito.

4) O que você queria ter aprendido que não teve no programa?

Tudo que eu queria aprender, eu aprendi.

5) Qual ritmo você aprendeu mais? Por quê?

Axé, porque eu tenho muito CD de axé e qualquer "CDzinho" que coloca agora, eu já tenho o ritmo e já tenho os passos próprios da dança.

6) Você acha que as aulas de dança trouxeram alguma novidade? Qual foi ou quais foram?

Sim, alguns passos diferentes.

- Você já tinha tido dança na escola? Foi diferente ter dança aqui?

Não. Nunca tinha tido dança na escola. Foi diferente.

7) O que você entendeu sobre o fato de termos conversado durante as aulas sobre a presença de várias culturas na dança?

Não sei.

- Lembra que a gente conversou que tem diversas culturas? Que as danças são diferentes?

Ah lembro! Agora lembro!

- Você chegou a alguma conclusão com relação a isso?

Ah! Eu cheguei porque nem todas as danças são iguais. Cada dança tem seu passo, seu ritmo diferente e é tudo diferente.

ALUNA 3**1) O que você achou das aulas de dança?**

Muito legal.

- Por quê? O que teve que você gostou?

Porque eu gosto de dança e vocês fizeram dança e eu achei muito legal.

2) Qual o ritmo que você mais gostou? Por quê?

Funk, porque eu gosto de dançar funk.

- Você já dançava antes?

Já.

3) E qual foi o ritmo que você menos gostou? Por quê?

Samba rock, porque eu não consegui aprender direito os passos.

4) O que você queria ter aprendido que não teve no programa?

Dança do ventre.

5) Qual ritmo você aprendeu mais? Por quê?

Dança de rua, porque eu tive mais facilidade nos passos.

- De aprender os passos?

É.

6) Você acha que as aulas de dança trouxeram alguma novidade? Qual foi ou quais foram?

Trouxe, porque eu não gostava tanto de dançar e agora eu gosto mais.

7) O que você entendeu sobre o fato de termos conversado durante as aulas sobre a presença de várias culturas na dança?

Aprendi que não tinha só uma música, que tinha várias músicas e que as outras músicas também são legais.

- Que conclusão você chegou com relação a isso?

Que eu vou dançar demais e um monte de música.

ALUNA 4**1) O que você achou das aulas de dança?**

Gostei muito, porque não é uma coisa que eu faço sempre sabe? Mas eu gosto de dançar, mas assim eu não sei dançar muito, né? E aqui com vocês eu aprendi dançar. Gostei muito.

2) Qual o ritmo que você mais gostou? Por quê?

Dança de rua, porque é mais agitada, tem uns passos mais assim que “quebra o corpo” e eu gostei mais dela.

3) E qual foi o ritmo que você menos gostou? Por quê?

Pagode, eu não gostei muito. Pensei que fosse diferente, eu achei ia ser diferente, sabe? Porque eu gosto do ritmo pagode, mas daí eu pensei que ia ser diferente.

- Você pensou que ia ser como?

Ai sei lá, mais animada, não sei. Pensei que ia ser diferente, né?

4) O que você queria ter aprendido que não teve no programa?

Ai sei lá.

- Tem algum outro ritmo que você queria ter aprendido?

Não, eu gostei. Não, não tem.

5) Qual ritmo você aprendeu mais? Por quê?

Dança de rua, porque eu gostei mais de fazer, daí eu me empenhei bastante, daí eu gostei mais de fazer esse.

6) Você acha que as aulas de dança trouxeram alguma novidade? Qual foi ou quais foram?

Trouxeram bastante novidade pra mim, porque, tipo assim, o pagode eu não sabia como dançava, sabe? Daí agora eu aprendi samba rock também. Eu só sabia dançar essas danças assim tipo funk, só essas músicas assim, sabe?

7) O que você entendeu sobre o fato de termos conversado durante as aulas sobre a presença de várias culturas na dança?

Entendi a origem das danças que a gente não sabe, a gente só dança por dançar como vocês falaram, né? Ah, aprendi isso, é a origem das danças.

- Que conclusão você chegou com as aulas?

Conclusão que dançar é bom.

ALUNA 5

1) O que você achou das aulas de dança?

Eu achei divertido, porque tinha uns passos que a gente não sabia e ficou sabendo agora.

2) Qual o ritmo que você mais gostou? Por quê?

Axé, porque é mais agitado e tem uns passos muito legais.

- Você já dançava axé antes?

Não, eu conhecia e via os passos e era legal.

3) E qual foi o ritmo que você menos gostou? Por quê?

Funk, porque eu não gosto muito do jeito que dança o funk, eu não gosto.

- Porque você não gosta? Tem alguma coisa na coreografia?

É do jeito que dança, eu não gosto.

4) O que você queria ter aprendido que não teve no programa?

Nada assim, foi muito legal, foi certo.

5) Qual ritmo você aprendeu mais? Por quê?

Dança de rua, porque é mais o meu estilo assim.

- Você já dançava antes?

É eu sabia, porque o meu irmão dançava e eu aprendia com ele.

6) Você acha que as aulas de dança trouxeram alguma novidade? Qual foi ou quais foram?

Não.

7) O que você entendeu sobre o fato de termos conversado durante as aulas sobre a presença de várias culturas na dança?

Não lembro.

- Você chegou a alguma conclusão com relação à dança?

Não.